

LA POISON

VENENO

*Nova Cópia Digital Restaurada
Um filme de Sacha Guitry

Sinopse

Um marido atormentado pela mulher decide livrar-se dela passados trinta anos, planeando o seu assassinio e fazendo o seu advogado cúmplice.

Actores

Michel Simon, Jacques Varennes, Jeanne Fusier-Gir, Germaine Reuver, Albert Duvaléix, Henry Laverne, Jacques de Féraudy, Jacques Derives

Equipa Técnica

Realização e Argumento - Sacha Guitry
Director de Fotografia - Jean Bachelet
Montagem - Raymont Lamy
Música - Louiguy
Produção - Gaumont
Produtores - Jean Le Duc, Alain Poré, Paul Wagner

Características Técnicas

Ano de Produção: 1951
País: França
Classificação: M/12
Duração : 85'

O Veneno

A pedido de Sacha Guitry, a que se apressou a aquiescer, Michel Simon fez, juntamente com outros, uma aparição no prólogo de *Faisons un Rêve* (1936). Os dois homens nutriam um pelo outro uma profunda admiração, perceptível tanto em *La Poison* (1951), inicialmente intitulado Paul Braconnier) como em *La Vie d'un Honnête Homme* (1953). Já tomado pela doença que havia de o vitimar, Sacha Guitry escolheu Jean Poiret e Michel Serrault para intérpretes de *Assassins et Voleurs* (1956), que havia esboçado para Michel Simon e ele próprio. De seguida, escreveu *Les Trois Font la Paire* (1957), onde Michel Simon desempenha o papel de comissário Bernard e onde o autor desenvolve o argumento de *Un Roman d'Amour et d'Aventure* (1917): dois gémeos "dobrados" por um terceiro ladrão. Sacha Guitry dirigiu, praticamente, a partir da cama a encenação deste último filme, o derradeiro que cronologicamente assinou com Clément Duhour a dar-lhe forma no local de filmagem.



Sou o inimigo nato das peças dramáticas.

Numismata, serei o inimigo das peças falsas.

Digo bem: dramáticas – e não comoventes.

Entendo por “dramáticas” as peças totalmente esvaziadas de ironia – o autor impedindo-se de escrever e privando-se de sugerir tudo o que poderia naturalmente provocar o riso – e criando, assim, peças mentirosas – uma vez que não é normal que nos sintamos tomados, agitados até às lágrimas pelos acontecimentos inventados de todas as peças – enquanto um crime horrível, abominável, hediondo, realmente cometido, não arranca de nós sequer um soluço.

Constatando, por outro lado, que uma obra de arte nunca faz chorar ninguém – parto do princípio que os desgostos dos outros nos deixam indiferentes – e que este alguém/outro não seja por nós conhecido tornamo-nos sensíveis ao cómico macabro que se desprende habitualmente das situações mais trágicas.

Tal é a ideia fundadora, tal é o tema de *La Poison*.

Quis – pelo menos, desejei – que este crime sórdido fosse exposto, dirigido, dialogado, encenado e interpretado de forma que o público fosse espectador – divertindo-se, se assim o entender, do início ao fim.

É neste contexto que considero não ter mentido.

Quanto ao tema do filme – em duas palavras, aqui está ele.

No final de um encontro que tive uma noite com um célebre advogado que estava na altura na sua 142ª absolvição, disse-lhe:

- Se eu tivesse que matar alguém, contratava-o como advogado e iria ter consigo na véspera... para lhe dizer que regressaria no dia seguinte!

Ele exclamou:

- Oh!

E eu fiz este filme.

(L'Aurore, 26-11-1951)

[Sacha Guitry, *Le Cinéma Et Moi*, Editions Ramsay, Paris, 1977]

Sacha Guitry, o cineasta

por François Truffaut

[...] Vinte anos depois da morte de Sacha Guitry, o puritanismo *rive gauche* sobrevive ainda, exprimindo-se nos dias de hoje sob a forma de um humanismo lacrimoso. A tirania da N.R.F. era mensal, a dos novos pedantes é semanal. Favorece as obras de denúncia sem se desviar daquilo que um autor de uma tal obra exclui geralmente da denúncia. Ela conseguiu infiltrar-se no conjunto do corpo docente que imporá seriamente o estudo das obras de Maurice Clavel a uma juventude que sabe muito bem descobrir apenas Boris Vian. Com o seu perpétuo espírito grave e o seu respeito pela noção de grandeza, ela não cessou, esta intelligentsia, de opor Breton a Cocteau, Camus a Queneau e Malraux a Audiberti.

Por causa disso, é impossível dizer que Sacha Guitry veio demasiado cedo e que será mais apreciado hoje. Impossível.

Eles ali estarão ainda, a tratá-lo com condescendência, os que falam na rádio, na televisão, na imprensa, nas comissões e nos júris. Para estes pedantes solenes, qualidades preservadas desde a infância como o charme, a *drôlerie*, a insolência, a fantasia, nunca serão valores, e quando o forem, como diabo saberão eles identificá-las?

Frequentemente incapazes de ter, perante um livro, um filme, uma peça, uma reacção pessoal, eles dissimulam a sua falta de discernimento escondendo-se por trás de rótulos elitistas sem verem que não é menos indecente agrupar obras em vez de homens e que tais classificações como “teatro do boulevard” ou “teatro de vanguarda” apresentam o mesmo tipo de racismo que as generalidades que se possam dizer sobre judeus, negros, burgueses ou porteiras...

Enfim, têm o desprazer de achar que decidem eles mesmos e no imediato o que é cultural e o que não o é. São eles que inventaram a oposição ignóbil entre “obras de reflexão” e “obras de entretenimento”, como se os trezentos romances de Simenon, as quinhentas canções de Charles Trenet, as peças e os filmes de Sacha Guitry não existissem precisamente para provar que as obras realmente divertidas são matéria de reflexão.

François Truffaut
Honfleur, Outubro de 1977

[Sacha Guitry, *Le Cinéma Et Moi*, Editions Ramsay, Paris, 1977]

Sacha Guitry, o malicioso

por François Truffaut

[...] Sacha Guitry foi um verdadeiro cineasta, mais dotado do que Duvié, Grémillon e Feyder, mais divertido e certamente menos solene do que René Clair.

Sacha Guitry passou pela história do cinema a troçar de modas e tendências. Nunca praticou o realismo poético, o realismo psicológico, a comédia à americana. Fez sempre filmes à maneira de Sacha Guitry, isto é, a favor de um encontro geralmente burlesco, e trabalhava com temas que lhe eram pessoalmente caros: os benefícios da inconstância amorosa, a utilidade social dos marginais – ladrões, assassinos, proxenetas e solteironas —, o eterno paradoxo da vida, e é de facto por a vida ser paradoxal que Sacha Guitry foi um cineasta realista.

O cinema vive, sobrevive e suicida-se através de um certo número de lugares-comuns que complicam a tarefa dos argumentistas, cansados de antemão. Na produção cinematográfica habitual, um ladrão não poderá ser uma personagem simpática a menos que roube por heroísmo e generosidade, como Mandrin, Cartouche ou Arsène Lupin. Do mesmo modo, a mulher adúltera deverá ser forçosamente antipática, a menos que o marido seja uma besta-quadrada ou um ser desprezível e o amante seja um jovem como deve ser, de primeira categoria. Se há tantos filmes inevitavelmente maus e exasperantes, é porque se vergam numa servil observância das regras supostamente ditadas pelo público. Diante de quase todos os filmes, um espectador, que nem precisa de ser subversivo, digamos, tão-só civilizado, reagirá *a contrario* e simpatizará com as personagens que os autores quiseram mostrar como seres odiosos, de tal modo as personagens simpáticas são mesquinhas e laboriosas.

Tanto com Sacha Guitry como Renoir – próximos nalguns tópicos, como uma misoginia amorosa que aumenta de ano para ano ou a ideia de que só o toque de pele da mulher amada importa - esta noção de personagens simpáticas ou antipáticas desaparece a favor de um olhar mais indulgente, mas também mais lúcido, sobre a vida tal como ela é: uma comédia com cem actos diferentes, cujo retrato pode ser devolvido com fidelidade pelo grande écran.

O segredo de Renoir chama-se familiaridade, o de Sacha Guitry, malícia. Os seus filmes respondem-se e simpatizam com a originalidade e a franqueza com que tratam o primeiro grande tema do mundo, as relações entre homens e mulheres, e também o segundo, senhores e criados. Guitry e Renoir aproximam-se por via de uma simplicidade que autoriza todas as suas fantasias, um sentido do realismo que poetiza todas as suas desenvolturas, sem esquecer a presença em ambos de um sólido pessimismo mal disfarçado, sem o qual o amor declarado pela vida torna qualquer obra forçosamente suspeita.

Na maioria dos filmes, os diálogos, as cenas amorosas e as relações sentimentais são de uma incrível falsidade. Nos trabalhos de Sacha Guitry, a verdade surge brusca, no final de cada cena e com tamanha força que quase sobressaltamos. Sacha Guitry é o irmão francês de Lubitsch.

Depois de vários filmes francamente medíocres, como *Toá* ou *Aux deux colombes*, a grande surpresa: *La Poison*. A ideia veio de um *fait divers* insólito. Tendo decidido matar a esposa, um homem (Michel Simon) consulta um advogado e fá-lo crer que o homicídio já foi cumprido: reforçado com os reparos do “nojento”, que constituem para ele conselhos involuntários, apunhala a mulher, tendo a seu favor todas as atenuantes possíveis, e é, para nossa alegria, que obtém a absolvição.

Encontramos aqui o tema habitual de Sacha, executar, a sangue-frio e de forma cínica, o que é normalmente feito em estado de embriaguez ou de ira, contornar a lei e acertar contas com a sociedade, utilizando as suas próprias leis. Mas, desta vez, o importante eram as cenas domésticas entre os dois velhos esposos, plenas de aspereza e crueldade, que lembravam por momentos o que de melhor se faz no cinema do género realista, como *Atalante*, de Jean Vigo, ou *Esposas Levianas*, de Stroheim. A mulher, a “poison”, a insultar Michel Simon, chamando-lhe cabrão de merda, mantém-se firme, aumentada na sua calma perante o homicídio, eis uma saída cuja crueza nos deixou literalmente siderados. [...]

1957

[François Truffaut, *Os Filmes da Minha Vida*, Orfeu Negro, Lisboa, 2015]

[trad. dos textos: Cláudia Coimbra]